

A arte de refazer, na marra, os laços de família

Texto mais realista do canadense Daniel MacIvor, autor de peças com montagens bem-sucedidas no Brasil como ‘In on it’ e ‘Cine monstro’, o inédito ‘A ponte’ foca no reencontro de três irmãs que tomaram rumos totalmente diferentes na vida



DANILO THOMAZ
Especial para O GLOBO
segundocaderno@oglobo.com.br

Em uma viagem à Inglaterra, a atriz Maria Flor encontrou uma coletânea de textos do dramaturgo canadense Daniel MacIvor. Entre eles, “A ponte”, a história de três irmãs que se reencontram às vésperas da morte da mãe — e que se passa praticamente toda na cozinha da casa em que cresceram. Como é clássico em peças sobre questões familiares, as irmãs enfrentam dilemas passados e presentes, conflitos pessoais e interpessoais em busca de um novo caminho — ou de algum caminho — para suas vidas.

A história ganhou uma versão brasileira com a própria Maria Flor (Louise), Debora Lamm (Agnes) e Bel Kowarick (Theresa). Depois de passar por Belo Horizonte, Brasília e São Paulo, o espetáculo está em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil carioca até 12 de agosto. — Buscava um texto há algum tempo. E este me chamou muito a atenção. É uma peça que ele fez porque queria criar um roteiro para cinema. Ela realmente tem uma coisa bem cinematográfica — afirma Maria Flor. MacIvor conseguiu chegar a seu objetivo. A peça, de 1998, virou filme em 2002 (“A ponte de Marion”), com

roteiro dele e Ellen Page no papel de Louise. “A ponte” antecede trabalhos como “In on it”, “À primeira vista” e “Cine Monstro”, que fizeram sucesso no Brasil sob a direção de Enrique Díaz (também o ator que encenou a galeria de personagens de “Cine Monstro”). Na história, Louise é a única das três filhas que permaneceu em casa com a mãe — assistindo a uma série de TV de enredo rocambolesco que se imbrica com a própria trama da peça, trazendo um alívio cômico ao drama familiar. Lésbica reprimida, solitária e tensa, a personagem tem suas singularidades expressas em sua composição física,

com um andar tenso e duro. — A Louise está dentro do drama da peça, mas, ao mesmo tempo, é como se ela soubesse de mais coisas do que aquilo que está colocando em cena. Como se ela fosse o próprio MacIvor dentro da história — diz Maria Flor. A relação entre as irmãs é a essência de Theresa, a mais velha, uma freira que vive em uma fazenda e tem sua diferença com relação às irmãs marcada por um forte sotaque interiorano. — A Theresa é uma freira, mas quando volta para casa, ela volta a ser airmã mais velha — afirma a atriz Bel Kowarick, que inspirou-se em mulheres de sua família

“de relação muito forte” com a religião. Já a Agnes de Debora Lamm é a personagem com dramaticidade mais explícita. É a irmã alcoólatra, que deixou a casa materna para ser atriz (e fracassou), após ser separada da filha recém-nascida. — Ela tem muitos tipos de sentimentos em tempos curtíssimos. É uma das personagens mais complexas da minha carreira. O processo de criação veio todo em cima de entender que tipo de fragilidade é essa que a personagem contém para que tudo tenha degradingado na vida dela — afirma a atriz. Talvez por ter sido pensada para virar roteiro de cinema,

“A ponte” segue um percurso realista, próximo aos clássicos do teatro americano da primeira metade do século XX. Bem diferente de “In on it”, por exemplo, que busca desconstruir a linguagem dramaturgica.

METALINGUAGEM
A montagem brasileira traz suas próprias inovações de linguagem. Indicações sonoras no texto original — como as falas dos personagens da série a que Louise assiste — são, no espetáculo, colocados em texto numa televisão, onde também são inseridos cabeçalhos, divisão de atos e cenas, descrições das personagens e até passagens da peça. O diretor, Adriano Guimarães, buscou ainda contrapor o realismo do texto por meio da cenografia. A plateia não vê uma cozinha tradicional, e sim objetos, alimentos e eletrodomésticos espalhados pelo chão. — Isso abre um espaço para a imaginação, como na literatura. Dentro da peça já tem esse mecanismo de você imaginar vários personagens que não aparecem — afirma Guimarães. — É sensorial as pessoas irem criando juntas a histórias a partir do que estão vendo — completa Deborah. — É um exercício de plateia não passiva.

“A ponte”
Onde: Teatro II, Centro Cultural Banco do Brasil — Rua Primeiro de Março, 66, Centro (3808-2020). **Quando:** De quinta a segunda, às 19h30m. Até 12/8. **Quanto:** R\$ 30. **Classificação:** 12 anos.

Seminário na ABL debate imprensa e literatura no Brasil

O jornalista e escritor Rogério Pereira inicia hoje a série de palestras

JAN NIKLAS
email@oglobo.com.br

“O lugar da literatura na imprensa hoje” é o tema do mês de junho do seminário “Brasil, brasis” na Academia Brasileira de Letras (ABL) que receberá hoje o jornalista, editor e escritor Rogério Pereira. Fundador do jornal de literatura “Rascunho”, o convidado acredita que para debater a atual relevância da produção literária nas pautas dos veículos de comunicação é necessário ter um olhar mais abrangente sobre a realidade social do Brasil.

— Antes de pensar qual o espaço da literatura na imprensa, temos que olhar para qual o espaço da literatura no dia a dia das pessoas — diz Pereira, que também foi diretor da Biblioteca Pública do Paraná e realizou curadorias nas bienais do livro do Paraná, Manaus e Minas Gerais — Afinal, a imprensa retrata o que é a vida no país. **PROJETOS PARA O PAÍS**
A partir desse mote, o autor pretende levantar algumas reflexões: a literatura perdeu espaço nos jornais tradicionais? A crítica literária per-

deu relevância? Qual o impacto das mídias digitais na circulação literária? Pereira ressalta que, para responder a essas perguntas, uma série de fatores deve ser levada em conta — desde as mudanças nas redações dos tradicionais veículos impressos até as novas formas de divulgação de livros na internet, que mudaram o mercado editorial. No entanto, volta a enfatizar a importância de um olhar sobre o panorama do país. — Por que acabaram com o Ministério da Cultura? Qual projeto de leitura o pa-



Conferencista. Rogério Pereira é fundador do jornal literário “Rascunho”

ís tem hoje? Há projetos voltados para literatura? São perguntas básicas que indicam por onde pensar o problema — pondera o editor. O seminário “Brasil, brasis” tem coordenação geral do acadêmico, professor, escritor e poeta Domício Proença Filho e coordenação do acadêmico e romancista Antônio Torres. O evento começa às 17h30m, no Teatro Raimundo Magalhães Jr, Avenida Presidente Wilson, 203, Castelo, Rio de Janeiro e terá entrada franca, além de transmissão ao vivo pelo site da ABL. **Onde:** Teatro Raimundo Magalhães Jr. (Avenida Presidente Wilson, 203, Centro, tel.: 3974-2500). **Quando:** Hoje, às 17h30m. **Quanto:** Grátis. **Classificação:** Livre.

Artistas processam Universal por perdas em incêndio

Soundgarden, Hole, Tupac Shakur e Tom Petty estão representados em ação que busca reparação por fitas destruídas em 2008

Representantes do rapper Tupac Shakur e do roqueiro Tom Petty, ambos falecidos, integram um grupo que busca uma indenização de pelo menos US\$ 100 milhões do Universal Music Group (UMG) pela perda de gravações valiosas em um em 2008. O processo coletivo, iniciado na última sexta-feira,

é o primeiro contra o UMG desde que o “New York Times” publicou uma investigação que revelou a destruição de cerca de 500 mil gravações, entre elas fitas originais. Três escritórios de advogados entraram com a ação em Los Angeles, representando artistas como Soundgarden, Hole e Steve Earle.

Segundo o texto do processo, o UMG arquivou as fitas masters contendo as gravações em um “depósito inadequado” dentro do prédio da Universal Studios cujo risco de incêndio era conhecido. Os advogados acusam ainda o UMG de “ocultar a perda com declarações públicas falsas”.

Citando cláusulas de seus contratos, os artistas alegam que têm direito pelo menos à metade de um montante de pelo menos US\$ 150 milhões. Entre os trabalhos cujo risco de incêndio era conhecido, os advogados acusam ainda o UMG de “ocultar a perda com declarações públicas falsas”.

Sonny e Cher, Joni Mitchell, Eric Clapton, Elton John, Janet Jackson e Nirvana. As chamadas “master recordings” são fontes únicas utilizadas para criar vinis, CDs e cópias digitais. A perda deste material afeta, principalmente, edições póstumas e o lucrativo negócio das reedições. O diretor executivo do UMG,

Lucian Grainge, disse que a empresa deve “transparência” aos artistas sobre a destruição provocada pelo incêndio, mas, desde a revelação do “New York Times”, a empresa vem minimizando o prejuízo. “Aconteceu há 11 anos, e as manchetes recentes são apenas barulho”, disse Arnaud de Puyfontaine, diretor executivo da Vivendi, proprietária do UMG, em entrevista à revista “Variety”. A Vivendi, conglomerado de origem francesa, tenta vender 50% do UMG, maior empresa musical do mundo.